INSTRUMENTALIZAÇÃO DOS DEDOS EM CENA: LITERATURA ERÓTICA DE MULHERES E SUA ABORDAGEM EM SALA DE AULA

INSTRUMENTALIZATION OF FINGERS ON STAGE: EROTIC LITERATURE BY WOMEN AND ITS APPROACH IN THE CLASSROOM

INSTRUMENTALIZACIÓN DE LOS DEDOS EN ESCENA: LITERATURA ERÓTICA DE MUJERES Y SU ABORDAJE EN CLASE

Josemar dos Santos Ferreira[1]
Iêdo de Oliveira Paes[2]

RESUMO
O direito à escrita literária das mulheres é alcançado com a reivindicação de espaço social para a subjetividade e o pensamento, em detrimento dos estereótipos e da delimitação de atribuições moralmente válidas a elas (Castanheira, 2011). Pretendemos evidenciar aspectos que se aproximam através da instrumentalização dos dedos das personagens dos textos "D. Consuelo", de Laura Villares (2021), e "Orgasmos Mastigados", de Odailta Alves (2020), pensando em como podemos abordá-los em sala de aula. Para isso, lançamos mão da análise de conteúdo, considerando nosso *corpus* constituído por linguagem de cunho erótico em contextos sociais e históricos que se interligam. Esse passo nos permite relacionar cultura e violência em função da aplicabilidade da leitura dos textos em sala de aula, prevendo discussões do âmbito dos gêneros e das sexualidades. Nossa pesquisa contribui com um olhar que ultrapassa a nudez e os desejos sexuais, salientando questões importantes para o respeito à pluralidade dos corpos.
PALAVRAS-CHAVE: instrumentalização do corpo; ensino de literatura; representação da mulher na literatura; gênero e sexualidade.

ABSTRACT
Women's right to literary writing is achieved by claiming social space for subjectivity and thought, to the detriment of stereotypes and the delimitation of morally valid roles assigned to them (Castanheira, 2011). We aim to highlight aspects that converge through the instrumentalization of the characters' fingers in the texts *"D. Consuelo"* by Laura Villares (2021) and *"Orgasmos Mastigados"* by Odailta Alves (2020), considering how these aspects can be addressed in class. To this end, content analysis is employed, taking into account our corpus, which consists of erotic language within interconnected social and historical contexts. This step allows us to relate culture and violence based on the reading applicability of these texts in class, anticipating discussions on gender and sexualities. Our research offers a perspective that goes beyond nudity and sexual desires, emphasizing important issues regarding respect for bodily plurality.
KEYWORDS: instrumentalization of the body; literature teaching; representation of women in literature; gender and sexuality.

RESUMEN
El derecho a la escritura literaria de las mujeres es alcanzado con la reivindicación de espacio social para la subjetividad y el pensamiento, en detrimento de los estereotipos y de la delimitación de atribuciones moralmente válidas a ellas (Castanheira, 2011). Pretendemos evidenciar aspectos que se aproximan a través de la instrumentalización de los dedos de las personajes de los textos "D. Consuelo", de Laura Villares (2021), y "Orgasmos Mastigados", de Odailta Alves (2020), pensando en cómo podemos abordarlos en clase. Para eso, lanzamos mano del análisis de contenido, considerando nuestro *corpus* hecho de lenguaje del âmbito erótico en contextos sociales e históricos que se conectan. Ese paso nos permite relacionar cultura y violencia en función de la aplicabilidad de la lectura de los textos en clases, previendo discusiones del ámbito de los géneros y de las sexualidades. Nuestra investigación contribuye con una mirada que va más allá de la nudez y deseos sexuales, destacando cuestiones transversales respecto a la pluralidad de los cuerpos.
PALABRAS CLAVE: instrumentalización del cuerpo; enseño de literatura; representación de la mujer en la literatura; género y sexualidad.

[1] Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Brasil. Orcid: 0009-0003-8154-4674.
[2] Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Brasil. Orcid: 0000-0001-5585-1388.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao direcionarmos o olhar para a relação da Igreja com a sociedade, no período do século XIX, deparamo-nos com o corpo da mulher branca associado à imagem da Virgem Maria. A referenciação abarca a preservação da "pureza" valorada pelos homens (Corbin, 2009). Nesta época, o romantismo toca em questões da ordem do desejo, sem perder de vista a mulher desejada e pura. A ideia de pureza da mulher desejada não trata apenas do divino referenciado no corpo (Corbin, 2009), como meio de justificativa para o desejo individual; mas funciona também como um ideal para o qual os desejos de outrem (o homem) voltam-se "naturalmente", legitimando-se sobre o corpo desejado.

No Brasil do final do século XIX, a relação entre Igreja e sociedade passa a manter um consenso de influências indiretas daquela sobre esta, havendo rupturas na elaboração e cumprimento de leis eclesiásticas. Diante do cenário em que a Igreja perde força com a diminuição de sua influência nas ações individuais e coletivas de uma sociedade de fundação colonial, há um alargamento da produção da literatura erótica.

O livro erótico, ao infringir as determinações fisiológicas e sociais, constata o desejo que se distancia das barreiras moralmente erguidas. A projeção das cenas não é interrompida pela familiaridade, "[...] nem a inocência, nem o distanciamento do parceiro, nem mesmo o receio de ser surpreendido e, é claro, nem as obrigações morais" (Goulemot, 2000, p. 63). Suas experiências se dispõem às imagens que vão se formando no transcurso da leitura. Tudo é realizável, encenado pela imaginação que a leitura requer. Não há resistência quanto a encenar. No suporte textual há o corpo e sua descrição em contexto de atos realizáveis. Esse corpo pode ou não ser representativo, embora sua imagem seja confeccionada pela coparticipação do leitor no texto que experimenta.

A encenação de corpos é produzida pelos sentidos atribuídos ao texto literário no ato da leitura. E aqui chegamos a um ponto que se deve atenção quando considerado o viés de aplicabilidade da literatura erótica em sala de aula, pois a "[...] relevância da temática erótica como forma de atrair o leitor para o universo da leitura" (Pinheiro, 2018, p. 190) pode, antes, causar o entendimento de uma proposta doutrinadora ou vulgar demais para uma sala de aula.

Se pensamos em promover a leitura de textos que despertam maior sensibilidade no âmbito da convivência, essa sensibilidade é potencializada quando o âmbito da convivência é a sala de aula. Na condição de haver reservas diante de uma análise crítica do texto erótico em sala de aula, sua abordagem deve partir do contexto que a referência antes de ser proposto à leitura.

Consideramos que a abordagem do texto erótico requer a antecipação de informações sobre a autoria e sobre as condições de época em que a obra é publicada, ou seja, informações sobre o(a) autor(a) e sobre o contexto político, social e histórico em que sua obra é publicada. Ainda antes de adentrar o texto, o professor precisa explicar aspectos que constituem sua ficcionalidade e fazer com que os alunos atentem para as personagens, sendo capazes de perceber marcadores de gênero, classe, raça, sexualidade etc.

A sequência de marcadores que especificam as personagens perpassam a representação do corpo do homem heterossexual, uma vez que a imagem de superioridade heteronormativa aponta para um referencial. Sua imponência assume o zelo coletivo e individual por aquela imagem. Erguem-se fronteiras violentas em função de distinções e distanciamentos do que não seja representativo à preservação de sua dominação masculina (Bourdieu, 2002). Os limites dessas fronteiras são conservados por atos de violência física e simbólica. A violência física é acometida pelo "interesse em machucar ou mutilar o corpo do outro, ou levá-lo à morte" (Ginzburg, 2012, p. 11). A segunda forma de violência é produto da coerção do dominante quando condiciona o dominado a uma inferioridade, como na relação elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc. (Bourdieu, 2002).

Se mantemos os alunos distanciados de questões como essas, podendo ser exemplificadas com acontecimentos do próprio ambiente escolar, o texto erótico corre o rico de ser recepcionado como algo que tenta distanciar a sala de aula de "seu propósito". Mas também é um propósito da sala de aula a abordagem de questões de gênero e de sexualidade. Desse modo, ressaltamos a sala de aula como um ambiente transformador, não para mostrar um determinado caminho a ser seguido, mas provocar reflexões sobre a responsabilidade que temos para com o nosso corpo e para com o corpo do outro.

Pretendemos, portanto, evidenciar alguns aspectos que se aproximam através da instrumentalização dos dedos das personagens dos textos "D. Consuelo", de Laura Villares (2021), e "Orgasmos Mastigados", de Odailta Alves (2020), pensando em como podemos propor um trabalho de leitura em sala de aula com alunos do Ensino Médio de escolas públicas e privadas do Brasil.

Para o alcance do que pretendemos, consideramos a literatura erótica em sala de aula como instrumento de formação do leitor e meio de liberdade e visibilidade das mulheres (Pinheiro, 2018). Partimos deste ponto para realizarmos uma análise comparada, destacando a autonomia dos corpos em cena e a quebra do estereótipo acerca dos papéis exercidos no ato sexual. Por conseguinte, recorremos a documentos oficiais para compreendermos como a literatura no Ensino Médio é direcionada. Percebemos em nossa trajetória a articulação da

literatura erótica com a possibilidade de se discutir temas transversais envolvidos em violência e cultura. Desse modo, contribuímos com um olhar que ultrapassa a nudez e os desejos sexuais, salientando questões importantes para o respeito à pluralidade dos corpos e dos gêneros.

O PARADOXO DO PRAZER DA MULHER EM "DOMINAR": UMA IDEIA INERENTE À INVERSÃO DE PAPÉIS

A mulher, "[...] considerada moralmente válida, não tinha como avançar muito além dos muros de seus quintais para adquirir uma cultura superior e dar vazão à sua criatividade" (Castanheira, 2011, p. 26). Desde o século XIX, os assuntos de caráter público e privado e os papéis sexuais eram definidos pelos homens. Por serem entendidos como dotados de razão, tinham a responsabilidade de tratar os assuntos relevantes, e as mulheres os que fossem considerados de menor importância (Rago, 1993).

O capítulo "D. Consuelo", do romance **Extasis** (1927), de Laura Villares, e o microconto "Orgasmos Mastigados", publicado no livro **Pretos Prazeres** (2020), de Odailta Alves, fazem-nos deparar com duas produções particulares de mulheres que desconstroem a imagem do homem sempre ativo no momento do coito.

Análise comparada dos textos "D. Consuelo" e "Orgasmos Mastigados"

Laura Villares é uma das romancistas brasileiras com informações escassas sobre sua vida. Nasceu em São Paulo, de descendência familiar italiana (Braga-Pinto & Maia, 2021). Uma maior aproximação da existência da autora pode ser alcançada através das experiências de leitura de sua produção literária. Hellen Boton Gandin e Ana Paula Teixeira Porto chamam atenção para uma literatura como meio de resistência na ocupação de espaços, uma vez que

> o apagamento da presença feminina limita as contribuições em nível artístico, social, político e também de representatividade social, a partir de discussões que garantam a mulher o direito e o protagonismo da voz e do discurso, para enfatizar aspectos que não atendam só ao público masculino, mas também outras mulheres (2021, p. 69).

Sabemos que o romance **Extasis** é publicado no momento de chegada da modernidade e que se configura como um ato contra a autocensura, entendida como atitudes a partir do referencial de subjetividade imposta pela dominação masculina. Com a chegada da

modernidade houve transformações do papel social da mulher, não mais "obediente" ao determinismo de seu "destino de fêmea".

No capítulo "D. Consuelo", do romance mencionado, Laura Villares desconfigura as apropriações das vontades sexuais, ou melhor, reconfigura essas vontades para os corpos propícios, considerando-se o homem e a mulher. Ambos se apropriam de seus corpos e das formas em comum de atuar sexualmente com eles. No excerto do romance, a personagem D. Consuelo estimula a jovem Isa a se aproximar do próprio corpo e de suas vontades, "diagnosticando" seus seios como fartos e tentadores, ressaltando sua pele *hermosa*, ditando "receita" para a jovem se tornar um "atrativo doentio e diabólico", "ao qual homens não resistem!"

Para nos situarmos melhor no excerto do romance e podermos seguir com a sua contribuição ao que afirmamos, precisamos saber o que levou Isa até a "clínica" da massagista D. Consuelo. A princípio foi ali para pagar por uma sessão de massagem que, à época dos anos 1927, estava de moda. Mas seu entusiasmo em se tornar uma mulher irresistível revela outras vontades: "– Quero… – falou com ardor – quero ficar bonita! Se for preciso uma fortuna, para que eu aprenda a seduzir um… os homens, eu lhe darei de bom grado" (Villares, 1927, p. 309). Na sala em que é atendida também se encontra a assistente da massagista que afirma: "– Assim! Bravo! – aprovou D. Celina – Consuelo vai auxiliar-te. Ela sabe mil receitas práticas e sentimentais para conseguir o amor. Na Espanha, três homens suicidaram-se por sua causa" (Villares, 1927, p. 309).

D. Consuelo é apresentada como uma mulher de buço e mãos de homem, sua maior qualidade na profissão de massagista. Para mostrar a Isa as "técnicas" mais íntimas de "massagista profissional", D. Consuelo conduz a jovem para uma outra sala. "Entraram na sala iluminada à eletricidade, agora vazia, e, comendo os biscoitos com muito conhaque, regados de vinho Madeira, a mulher de buço e mãos de homem, por quem, na Espanha, três homens haviam dado cabo da vida, começou as suas lições" (Villares, 1927, p. 309).

Nas lições dadas a sós entre quatro paredes, o ato de "comer biscoitos" é também um ato de experimentar os dedos, banhando-os de umidade. O vinho Madeira, de elevado teor alcóolico, desinibe (vinho) e enfatiza a "instrumentalização dos dedos" (Madeira – rigidez, falo), que homens não resistiram a ausência; suicidaram os três na Espanha; dedos fortalecidos pela prática da massagem, em reciprocidade de sentir o corpo do outro.

D. Consuelo, em sua função de massagista, ao dizer qual a "receita" para Isa ficar mais *hermosa*: "[...]compressas alternadas, a fim de clarear a pele, e um pouco de artifício [...]: um creme… pó de arroz Rachel n. 2… um *soupçou* de rouge… os lábios *raisin* bem

vivos" (Villares, 1927, p. 308, grifos da autora), contrapõe-se ao que médicos higienistas vinham prescrevendo à mulher. Hoje conhecemos, afirma Rago (2005, p. 97), "os inúmeros manuais de 'higiene sexual', elaborados pelos médicos do passado, que recomendavam leituras leves e inofensivas às moças, tidas como muito delicadas e vulneráveis, tanto física, quanto intelectual e moralmente". As leituras recomendadas tinham o papel de manter a mulher distante do próprio corpo, afinal de contas,

> os olhos não leem, vêem. Aquilo que informa o amador não é uma lenda, aqui falaciosa, mas a encenação, uma organização, um quadro, o jogo de outros olhares (os *putti*, a estátua), que conduzem todos a um lugar único: este corpo que goza (Goulemot, 2000, p. 58).

No texto de Villares, a figura da mulher tradicional, submissa e passiva é desmistificada com uma crítica aos apegos morais que encobrem os desejos sexuais, de modo que "a 'mulher fatal' irrompe na literatura como alguém dotada de uma super-sexualidade, como figura noturna, má, bela, encarnando o primado do instinto sobre a razão" (Rago, 1990, p. 309). A mulher como figura noturna é "mal vista", pois desfaz sua pureza, como se entende que uma prostituta o faz. A personagem Isa almeja a noite e os homens; quer seduzi-los para se satisfazer enquanto mulher dominadora. Não há intenção de ligação amorosa, mas envolver-se com intenções de prazer. Seu espaço feminino e sua sexualidade se ampliam com o seu corpo, nas possibilidades de se descobrir pelos meios de amar-se para ser amada por muitos homens, e de converter-se tão atraente a ponto de invejar outras mulheres. Isa é uma mulher que "redefine positivamente sua auto-imagem, considerando-se atraente, sedutora, capaz de enfrentar o mundo com suas próprias forças" (Rago, 1990, p. 339).

A contribuição de Margareth Rago acompanha sua análise do romance **Vertigem** (1926), da mesma autora de **Extasis** (1927)**.** Rago evidencia dois temas centrais em ambos os romances: "o tema da prostituição na cidade grande e a falência do casamento enquanto instituição" (Rago, 1993, p. 40). Isa, portanto, seria uma jovem dama inserida nesse contraste, e iniciada no sexo por D. Consuelo, o que implica também o tema da lesbiandade. Devido às limitações do excerto para a nossa discussão, não nos lançamos aos temas citados, pois precisaríamos da continuidade da vida de Isa após a consulta com a massagista, e também porque enfatizamos a instrumentalização dos dedos associada ao falo, que carecem de umidade na hora da penetração.

Agora, voltando-nos para o microconto "Orgasmos Mastigados", de Odailta Alves, os dedos da personagem principal já se predispõem à instrumentalização logo no início: "Ela só gozava comendo", e o microconto continua:

> Demorou compreender que o prazer que não sentia em ser penetrada era normal. Trocava de namorado como se troca de roupa. Uma busca incessante pelos orgasmos que ouvia as amigas falarem. Até que conheceu Pedro, e no bailar dos suores da cama de motel, ele disse "Me come, Nega!". Àquele pedido, Jamila ficou avidamente desconcertada.
> Comeu!
> Sentiu pela primeira vez os tremores racharem seus sentidos, enquanto os dedos da mão direita penetrava a bunda do rapaz e a mão esquerda banhava-se do prazer que lhe escorria entre as pernas. Finalmente, seu corpo mastigava o orgasmo (Alves, 2020, p. 11).

Inferimos que, no ato sexual, Jamila é instruída à "dominação". A inversão de papéis normatizados desconfigura a dicotomia dominador (macho) X dominado (fêmea). Ao adotarmos essa possibilidade, nivelamos a representação das personagens sob uma ótica que precisamos aceitar a própria dicotomia, resultando paradoxal. Pois se o homem, que deveria cumprir com o seu papel de dominador, está sendo penetrado, logo se converte "funcionalmente" à figura da mulher e vice-versa. A dicotomia se mantém, porém atrelada a um homem exercendo a "funcionalidade" de uma mulher com outra mulher; a penetração é de quem possui o falo, enquanto a masturbação abarca seus dois correspondentes (homem e mulher, numa concepção biológica). Se considerarmos as proposições, o ato sexual entre Pedro e Jamila nos revela as lições que D. Consuelo precisou "ensinar". Logo reproduzimos uma cena de lesbiandade entre um homem e uma mulher em seus "papéis invertidos".

As personagens Isa e Jamila precisaram descobrir formas de "mastigar o orgasmo" para encontrarem o caminho da satisfação sexual recíproca com quem estivessem compartilhando o corpo. Através da instrumentalização dos dedos, também pelo prazer da penetração, ambas ampliam sua sexualidade, o espaço de realização de suas vontades e a permuta da dominação entre quatro paredes.

No bojo das narrativas eróticas de Laura Villares e Odailta Alves

As personagens cumprem com os desígnios da narrativa erótica, cada uma a seu modo, obedecendo à liberdade de se permitirem ao acontecimento. Elas mesmas acontecem na leitura, sendo a leitura a orquestração das cenas. O leitor participa, mas não como um receptáculo de imagens explícitas cujos estímulos o fará experimentar prazer sexual. Não estamos diante de uma testemunha. O *voyeur* é excluído na narrativa erótica. O que se percebe convida aos jogos eróticos, e o gozo que se toma parte é entrevisto, pois a "testemunha, inscrita na narração, é a figura por meio da qual se encena o desejo do próprio leitor" (Goulemot, 2000, p. 72). Assim, a participação do leitor faz emergir o olhar da testemunha

que se realiza no entremeio da narrativa. A testemunha, por sua vez, converte-se em necessidade que se dissolve na imaginação do leitor.

Para justificar a satisfação da necessidade criada e encerrada no livro erótico, pontuamos o início de circulação do livro **Pretos Prazeres**. Seus 50 textos abrangem protagonistas negras (hetero, trans, lésbica etc.), e são da autoria de Odailta Alves, uma mulher negra, lésbica, mãe, professora, acadêmica, nascida no bairro de Santo Amaro das Salinas (Recife/PE), no ano de 1979. Odailta Alves publicou seu livro durante o período pandêmico. Este fato nos ajuda a dizer que "o processo de leitura [do livro erótico] traz por si mesmo a satisfação da necessidade que ele cria. Não há necessidade de retornar ao real" (Goulemot, 2000, p. 70). Se o livro erótico não guardasse aí o seu sentido, Odailta Alves estaria contrariando as medidas sanitárias de prevenção e combate ao Coronavirus, já que as pessoas estariam sendo incitadas a se encontrarem para realizar vontades sexuais dos corpos em cena, corpos realizáveis na leitura. Isso porque, "aparentemente passiva e submissa, a leitura é, em si, inventiva e criativa" (Chartier, 1999, p. 31), e isso retoma o que pretendíamos sobre a necessidade criada e encerrada no livro erótico.

A expressão erótica de mulheres quebra com a autocensura "enraizada nas práticas sociais vigentes, que tanto procuram controlar a sexualidade feminina, como restringir o acesso da mulher a uma linguagem adequada à representação de sua sexualidade" (Bailey, 1999, p. 405).

Se voltarmos à introdução deste artigo, lembraremos do embranquecimento da Virgem Maria pela associação com o corpo da mulher branca. Desse modo, a mulher negra não necessita "pecar" para se tornar "impura", pois não há legitimação de desejo por um corpo sem aspecto de pureza. As práticas sociais vigentes terão maior intensidade sobre os corpos das mulheres negras, pois não se vinculam à possibilidade de desejo, então estamos diante de corpos de mulheres que sequer têm "motivo" para ser razão de desejo. É mesmo paradoxal a forma como nos deparamos com certas conjunturas subjetivas de pura demonstração de poder. Então a opressão dos homens sobre as mulheres é modificada a partir do que, primeiramente, salta aos olhos abjetos: a cor da pele.

Neste caso, a representatividade da escrita de Odailta Alves se expande para as leitoras negras. É verdade que seu livro **Pretos Prazeres** não se limita a estas leitoras, mas a autorrepresentação se consolida com elas, uma vez que a função social do direito à escrita é, antes de tudo, a solidariedade das vozes que se reconhecem nas histórias em comum (escritora-leitora), de modo que a mulher deixa de ser representada e passa a se

autorrepresentar (Evaristo, 2005). Seu impacto mais abrangente é auxiliar o suporte humanizador (livro) na sua finalidade de suprir necessidades.

Os textos literários de Laura Villares e de Odailta Alves nos levaram à dicotomia homem X mulher, no que tange à fragilidade da dominação masculina. Ao pretendermos ampliar nossa discussão para refletir a abordagem dos textos em sala de aula, pensamos na relação entre "violência" e "cultura" a partir dos marcadores de "gênero", "raça" e "sexualidade", que contextualizamos na seção seguinte.

CONTEXTUALIZAÇÃO DE PONTOS-CHAVE PARA A LEITURA DOS TEXTOS DE LAURA VILLARES E DE ODAILTA ALVES EM SALA DE AULA

As violências física e simbólica sofridas pelas mulheres são pautadas aqui em consequência do androcentrismo, enquanto a cultura se relaciona diretamente com este, delimitando-se com atitudes "naturalizadas" à normalização de agressões. Tais atitudes são provenientes de valores percebidos como sociais e/ou naturais a partir do "habitus". O que se basta e que é sensato advém do habitus, modelando-se à conveniência de práticas de dominação que os costumes, a linguagem e as repetições auxiliam.

O habitus funciona "enquanto disposição geral e transponível, realiza uma aplicação sistemática e universal, estendida para além dos limites do que foi diretamente adquirido, da necessidade inerente às condições de aprendizagem [...]" (Bourdieu, 2007, p. 163). Nessa conjuntura, as ações do indivíduo partem da concretização do estilo de vida de determinado grupo, garantindo-lhe identificação no grupo em que se insere e, para além dele, a diferenciação com outros estilos de vida. Nesse viés, nos estendemos à cultura com que um grupo se impõe, e isso nos encaminha a pensar sobre a coerção como mecanismo de demarcação, fronteiriço, do qual o único entendimento é de que o dominado deve ceder às vontades do dominante. O funcionamento dessa relação é a progressão da violência contra a mulher, que se mantém culturalmente.

No tocante à temática da violência, Aline Ferrari Caeran & Luana Teixeira Porto convergem com o entendimento de que se trata de uma construção social e histórica, consequentemente "[...] mutável e variável de acordo com os contextos sociais e históricos [...] (Caeran & Porto, 2022, p. 19). Outro aspecto importante que as autoras salientam é que o sentido da violência é mais amplo do que sua associação à criminalidade, "[...] ela possui não apenas dimensão física, mas também psíquica e simbólica. Logo, a violência assume diversas

perspectivas, sendo [...] tema de investigação e preocupação de muitos pensadores" (Caeran & Porto, 2022, p. 20).

No seio da formação da sociedade brasileira há uma forma de família patriarcal que se hierarquiza pelas diferenças e assimetrias "[...] transformadas em desigualdades que reforçam a relação de mando-obediência. O outro jamais é reconhecido como sujeito, tanto no sentido ético quanto no sentido político, jamais é reconhecido como subjetividade nem como alteridade e muito menos como cidadão" (Caeran & Porto, 2022, p. 24).

A mulher, condicionada ao outro desigual, tem a sua liberdade ameaçada constantemente pelo distanciamento da sua própria subjetividade. A relação entre corpo e subjetividade implica o modo como nos concebemos para então conceber o outro, mas jamais de forma isolada. A imagem do homem, realizável e condicional, confina a mulher ao segundo sexo. Para lidar com a questão, compartilhamos de que o corpo "é uma situação, é nossa tomada de posse do mundo e um esboço de nossos projetos" (Beauvoir, 1980, p. 54). Moldada socialmente, a identidade de ser o outro do outro é atribuída à mulher (Beauvoir, 1970). Mas a identidade também é uma construção histórica que parte do coletivo. Em relação dialética entre indivíduo e sociedade, esta configura um referencial de aproximação, com signos, símbolos, linguagem, memória e imaginário, no qual o sujeito se reconhece e consolida suas expressões subjetivas (Habermas, 1988).

O que se configura sobre o "ser mulher" concebe a identidade em que o feminino é qualificado pelos referenciais do macho em comparação com o castrado, porém, as subjetividades e narrativas do feminino está em outro campo, uma vez que "nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino" (Beauvoir, 1970, p. 9). Há uma diferença, portanto, entre o ser que se projeta para a mulher e a sua condição de tornar-se.

Para a mulher negra, a representação negativa de ser mulher é ainda mais grave, pois a natureza de sua opressão provém de uma época em que é negada a sua subjetividade, sem constituir sequer relação de ordem familiar. Giacomini (1988, p. 66), nos explica que,

> a sexualidade da escrava aparece para o senhor livre de entraves ou amarras de qualquer ordem, alheia à procriação, às normas morais e à religião, desnudada de toda série de funções que são reservadas às mulheres brancas, para ser apropriada num só aspecto: objeto sexual.

A mulher negra lida socialmente com o sexismo, por ser mulher, e com o racismo, por ser negra, sob resquícios de uma estrutura colonial que lhe "invade" violentamente, transtornando sua percepção sobre si mesma.

No que diz respeiro ao tratamento da sexualidade em nossa sociedade, constatamos delimitações que objetivam exercer o poder sobre o corpo e o sexo. Mas, ainda assim, esse poder "não fixa fronteiras para a sexualidade, provoca suas diversas formas, seguindo-as através de linhas de penetração infinitas" (Foucault, 1988, p. 47).

Desde o século XIX, o discurso sobre a sexualidade tem sido reduzido ao casal heterosexual. No seu entorno ficaram compreendidas as sexualidades periféricas, das quais, em movimento de refluxo, projeta-se aquela como "regular". Além do mais, a sexualidade regular suscetível da força de trabalho e da forma de família está atrelada ao corpo do homem, que toma destaque e se centraliza (Foucault, 1988).

O discurso heteronormativo condiciona a abordagem das sexualidades múltiplas, dentre as quais destacamos as "que se fixam em gostos ou práticas (sexualidade do invertido, do gerontófilo, do fetichista...)[...]" (Foucault, 1988, p. 47). Desta forma, a heterosexualidade perpassa as sexualidades exatamente como eixo de referenciação para o que se diz "normal" aos gostos e práticas sexuais. O que se aponta como normal constitui abordagem excludente, gerando preconceito que acaba desencadeando múltiplas formas de violência.

Como propusemos na seção anterior, a relação entre violência e cultura, a partir dos marcadores de gênero, raça e sexualidade, nos fundamenta para a leitura dos textos "D. Consuelo", de Laura Villares e "Orgasmos Mastigados", de Odailta Alves. Nesse sentido, a breve contextualização feita nesta seção nos mostra um posicionamento crítico por meio da reflexão sobre o entendimento dos sujeitos em sua integridade e autonomia para com seus corpos.

LITERATURA EM SALA DE AULA: É POSSÍVEL ABORDAR OBRAS ERÓTICAS DE MULHERES?

Pensando na abordagem dos textos literários em sala de aula, devemos antes, como professores, "preparar" os alunos para que evitemos o desvio do que pretendemos combater: o sexismo, o racismo, o machismo, a homofobia etc. Por exemplo, a narração em Odailta Alves é tecida de forma mais direta às imagens projetadas, podendo trazer à tona, em uma leitura descontextualizada das discussões em torno das interseccionalidades, os estigmas encobertos pelos tabus que a sociedade tanto preza.

A seguir pontuamos a literatura em sala de aula a partir de documentos oficiais voltados para o ensino médio, nível da educação básica em que visamos a abordagem das obras de Alves e de Villares.

Uma visão formal sobre a literatura em sala de aula

O ensino de literatura nas escolas passa por concepções de ordem política e social que contornam e são contornadas com os documentos oficiais. A publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394 de 1996, atribuiu a responsabilidade do Ensino Médio também para o Estado. Sua empreitada em ampliar o número de escolas gerou preocupação também com a elaboração de documentos oficiais para instruir o funcionamento do ensino a nível nacional (Fortes & Oliveira, 2015).

Ainda de acordo com Rafael Adelino Fortes & Vanderléia da Silva Oliveira (2015), nos Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio (PCNEM), de 1999, a literatura é um suporte atribuído à comunicação, e se descaracteriza nas aulas de língua portuguesa. A ideia é que "[...] o ensino de literatura, gramática e produção de textos devem ser trabalhados de forma conjunta com a finalidade de auxiliar o ensino [...]" (Fortes & Oliveira, 2015, p. 283). Já nos Parâmetros Curriculares Nacionais + Ensino Médio (PCN+, publicados em 2022), é definida uma função para a literatura; "[...] pode-se usar a literatura para entender uma sociedade e seus costumes" (Fortes & Oliveira, 2015, p. 390). Passa a ser atribuída à literatura a função de prover contextos históricos a outras disciplinas.

Em 2006, são publicadas as Orientações Curriculares Nacionais (OCN), compreendendo que os documentos mencionados acima preveem a educação atrelada à ideia de treinar, de suprir o que a sociedade necessita, sob a justificativa de que os alunos têm interesses próprios e necessitam cuidá-los, o que, na verdade, se justifica por estarem fadados à reprodução da sociedade. Nas OCN, entende-se que "o que justifica claramente o ensino de literatura é a luta de classes, um saber que outrora era destinado à elite, agora deveria ser acessível a todos" (BRASIL, 2006, p. 54).

A literatura nas OCN é entendida como obra de arte, por conseguinte, guarda em si a fruição e o conhecimento como binômio inseparável; é vista como reflexo cultural de um povo, mas é generalizada com a ideia de fruição, recomendando-se primeiro uma leitura individual e silenciosa por parte do aluno. Fortes & Oliveira (2015) aludem a falta de um entendimento mais conciso nas OCN com relação à fruição. Além do mais, em tentativa de não tomar como unânimes os textos literários contemplados no livro didático, "os professores

devem contar com outras estratégias orientadoras dos procedimentos, guiando-se, por exemplo, por sua própria formação como leitor de obras de referência das literaturas em língua portuguesa [...]" (BRASIL, 2006, p. 64).

Até aqui chegamos ao entendimento de que a atuação do professor de literatura deve pressupor uma base teórica e um gosto por "obras literárias de referência", e que a fruição do texto literário resume a experiência da leitura individual dos alunos que devem, em seguida, compartilhar suas interpretações.

Nossa busca pelos documentos oficiais destacados nos permite perceber duas dificuldades para o que pretendemos, a primeira condiz com o "modo de fruir", uma vez que precisamos, como já dito, refletir com os alunos sobre as temáticas políticas, sociais e históricas que os textos abarcam, antes da realização de uma leitura individual, como recomenda as OCN. A segunda dificuldade é com relação ao que se mantém sugestivamente como "obras literárias de referência".

Por certo não estamos diante de empecilhos diretos ao pretendermos abordar os textos de Alves e de Villares em sala de aula, mas também não estamos isentos de contradição quando se diz que "[...] se deve privilegiar como conteúdo de base no ensino médio a Literatura brasileira, porém não só com obras da tradição literária, mas incluindo outras, contemporâneas significativas" (Brasil, 2006, p. 73-74). A contradição que vemos advém do que sejam obras "contemporâneas significativas", uma vez que podem simplesmente ser aquelas compreendidas na atualização do cânone.

Além de discutirmos possíveis encaminhamentos para o ensino de Literatura Brasileira no Ensino Médio através das obras de duas mulheres não muito conhecidas, o peso da escrita de cunho erótico toca em temas atrelados à sexualidade que dificilmente são abordados de forma ampla e problematizada.

Ausência de temas atrelados à sexualidade e sua implicação na leitura de textos literários

Em sala de aula, de um modo geral, a carência da abordagem de temas atrelados à sexualidade limita a ampliação da humanização dos sujeitos. Ao pensarmos na fruição por meio da leitura dos textos de Alves e de Villares, seja ela silenciosa ou coletiva, sem nenhum amparo prévio de contextualização que estimule os alunos a refletirem criticamente, tal "fruição" pode converter-se em absurdo, em desproporcional, em inviável para ser respeitada pelo coletivo. A seriedade que requer o trato com os textos precisa se distanciar dos tabus que

recondicionam as mesmas representações moralmente validadas, reavaliando o olhar de revalidação da heteronormatividade.

Nossa reflexão para a abordagem da literatura erótica de mulheres, com base nos textos "D. Consuelo" e "Orgasmos Mastigados", não trata de nos voltarmos para o ato sexual e "esvaziá-lo" pelo viés de sua realização no mundo real, mas perceber o que podemos (des)construir com discussões desencadeadas pela elucidação prévia de temas relevantes.

Qual a contribuição das narrativas? De que forma vemos a protagonização das mulheres? Elas nos ajudam a questionar um convívio harmonioso ou opressivo em nossa sociedade? A encenação de seus corpos no texto literário passa a requerer contextos históricos e sociais, abarcando identidades, gêneros e sexualidades. Então propomos, de forma propositalmente "deslocada", a mesma pergunta genérica que Ginzburg (2012, p. 7) "por que um ser humano agride outro?" Não há como deixar de nos percebermos na relação com o "outro" para tentar formular uma resposta.

A literatura em questão, "além de dar liberdade e visibilidade ao sujeito feminino, também é instrumento de formação do leitor" (Pinheiro, 2018, p. 190). Sua construção estética lança mão da temática em função da produção de sentidos para a encenação de corpos; uma literatura que aguarda o olhar investigativo, prazeroso e crítico. Para Pinheiro (2018), há um impasse em se tratar de literatura erótica, de forma que precisamos com urgência de uma reforma no ensino de literatura, vista sobretudo como um bem incompressível do ser humano (Candido, 2011), pois deve nos ajudar a nos humanizarmos mais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos gênero, raça e sexualidade no bojo da relação entre violência e cultura; foram nossas encruzilhadas, como Odailta Alves costuma se referir às intersecções. Através delas, conseguimos mostrar algumas particularidades da literatura erótica de mulheres e perceber que não há perigo nem receita para quaisquer conversões. Não é seu objetivo converter ao libidinoso ou ao funesto, considerando-se a desatenção empreendida ao sexo e à sexualidade no ensino de literatura.

Vimos a importância de se pensar na abordagem prévia de questões intrínsecas nos textos literários que escolhemos trabalhar, antes de "oferecer" à leitura dos alunos. Nesse caso, a fruição não requer do aluno apenas uma leitura silenciosa do texto, mas também um olhar aguçado para contextualizá-lo e problematizá-lo. Esse nosso enfoque não trata de limitar

possíveis interpretações do aluno sobre o texto literário, pelo contrário, possibilita a ampliação de concepções acerca das relações sociais em que cada sujeito deve ser protagonista de sua história sem ameaçar a integridade física e psicológica dos demais.

Os textos que trouxemos perpassam questões interdisciplinares que ultrapassam a sala de aula. Um olhar desatento perde a oportunidade de relacioná-los com a conscientização sobre o corpo enquanto propriedade inalienável; um "olhar desatento" no momento da leitura de ambos os textos pode acarretar um entendimento equivocado sobre o que se realiza como literatura, cuja linguagem se desenvolve em cunho erótico de maneira implicita (como no texto de Villares) ou explicitamente (como no texto de Odailta Alves).

Esperamos ter contribuído para um olhar mais sério e necessário com relação à abordagem da literatura erótica de mulheres em sala de aula. Os textos de Laura Villares e de Odailta Alves subsidiaram alguns pontos-chave para relacionar o erótico a assuntos mais amplos, como a violência de gênero, o machismo e o sexismo. A partir da produção dessas autoras, vimos que a sexualidade irrompe qualquer padrão normatizador de papéis a serem cumpridos rigorosamente no ato sexual. Nosso corpo e nossa responsabilidade sobre ele não nos impõem segredos, mas um plano de existência permeado por nossas mais sinceras vontades.

REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. A literatura negra feminina no brasil: pensando a existência. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as**, Goiás, v. 1, n. 3, nov. 2010-fev. 2011, p. 181-189. Disponível em: https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/280. Acesso em: 04 jan. 2023.

ALVES, Odailta (ed.). **Pretos Prazeres**. São Paulo: Lucel, 2020.

BAILEY, Cristina Ferreira-Pinto. O desejo lesbiano no conto de escritoras brasileiras contemporâneas. **Revista Iberoamericana**. v. LXV, n. 187, Abr./Jun. 1999, p. 405-421. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/45386100_O_desejo_lesbiano_no_conto_de_escritoras_brasileiras_contemporaneas#:~:text=Este%20trabalho%20apresenta%20um%20resumo,prim%C3%B3rdios%20da%20transforma%C3%A7%C3%A3o%20dessa%20realidade.. Acesso em: 10 ago. 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kührner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. São Paulo: Edusp, 2007.

BOTON GANDIN, Hellen & TEIXEIRA PORTO, Ana Paula. Entre épocas e culturas: literatura de autoria feminina como espaço de empoderamento e resistência em textos de Paulina Chiziane, Patrícia Melo e Bell Hooks. **Literatura Em Debate**, v. 16, n. 28, p. 66-82, 2022. Disponível em: https://revistas.fw.uri.br/literaturaemdebate/article/view/4240. Acesso em: 21 abr. 2025.

BRAGA-PINTO, César; MAIA, Helder Thiago (Org.). **Dissidências de gênero e sexualidade na literatura brasileira**: uma antologia (1842-1930). v. 2. ed. Performances. Index ebooks, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais+: Ensino Médio** - Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96. Brasília: 1996.

CAERAN, Aline Ferrari; PORTO, Luana Teixeira. Violência e violência doméstica contra as mulheres: concepções e reflexões teóricas. **Literatura em Debate**, v. 17, n. 29, p. 18-38, jan./jul. 2022. Disponível em: https://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/4556. Acesso em: 10 ago. 2024.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In:_____. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, p. 171-193.

CASTANHEIRA, Cláudia. Escritoras brasileiras: momentos-chave de uma trajetória. **Revista Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 25-36, jul. 2011. Disponível em: https://doi.org/10.35520/diadorim.2011.v9n0a3917. Acesso em: 19 nov. de 2022.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (Org.). **História do Corpo**. v. 2. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares**, Palmares, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=6320. Acesso em: 05 jan. 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 13. e. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FORTES, Rafael Adelino; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. O ensino de literatura no Ensino Médio e os documentos oficiais. **Contexto**, Vitória, n. 27, 2015, p. 281-305.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e escrava**: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1988.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas: Autores associados, 2012.

GOULEMOT, Jean Marie. Efeitos particulares da leitura do livro erótico. In:_____. **Esses livros que se leem com uma só mão**. Leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII. Tradução de Maria Aparecida Corrêa. São Paulo: Discurso Editorial, 2000, p. 55-73.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la Acción Comunicativa**. v. 2. Tradução de Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Taurus, 1988.

PINHEIRO, Maria do Socorro. Erotismo, poesia e ensino: uma relação possível. **Revista Leia Escola**, CampinaGrande, v.18, n.3, 2018, p. 190-303.

RAGO, Luzia Margareth. Cultura feminina e tradição literária no Brasil (1900-1932) In: SWAIN, Tânia Navarro; MUNIZ, Diva do Couto Gontijo (Orgs.). **Mulheres em ação**: práticas discursivas, práticas políticas. Florianópolis: Ed. Mulheres, PUC Minas, 2005, p. 195-216.

RAGO, Luzia Margareth. Imagens da prostituicão na Belle Epoque paulistana. **Cadernos Pagu**, v. 1, p. 31-44, 1993. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1679. Acesso em: 20 abr. 2024.

RAGO, Luzia Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). [Tese de doutorado]. Campinas: UNICAMP, 1990.

ROGER, Chartier. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, Marcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. São Paulo: FAPESP, 1999, p. 19-31.

VILLARES, Laura. Extasis. In: BRAGA-PINTO, César; MAIA, Helder Thiago (Org.). **Dissidências de gênero e sexualidade na literatura brasileira**: uma antologia (1842-1930). v. 2. Performances. Index ebooks, 2021, p. 308-309.

SOBRE OS AUTORES

Josemar dos Santos Ferreira
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento

Científico e Tecnológico. Licenciado em Letras Português e Espanhol (UFRPE). Tem interesse nas áreas de pesquisa relacionadas aos estudos culturais, crítica e história da literatura, especialmente literatura de mulheres negras.
E-mail: josemar.sferreira@ufrpe.br

Iêdo de Oliveira Paes
Professor Associado IV da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Possui graduação em Letras pela Universidade Católica de Pernambuco (1992), mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2002), doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2007). Pós-Doutorado em Literatura e Crítica Literária pela PUC Goiás (2015). Docente do Programa de Pós-Graduação PROGEL - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira/Literatura Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura e crítica literária, literatura de autoria feminina, literatura e semiótica, literaturas de língua portuguesa (ênfase na tessitura de Ana Paula Tavares), língua portuguesa (português instrumental e produção de textos acadêmicos I e II), Libras.
E-mail: iedopaes@yahoo.com.br

Artigo recebido em 24/08/2024.
Artigo aceito em 19/05/2025.